

AS PAISAGENS MISSIONEIRAS GAÚCHAS NOS RELATOS DE VIAGEM OU, POR UMA ETNOGRAFIA DO OLHAR-VIAJANTE NAS MISSÕES¹

Flávio Leonel Abreu da **SILVEIRA**²

Etnografia e relatos de viagem nas terras missioneiras

Segundo Michel de Certeau o imaginário estaria no “ver”, uma vez que ele “desenvolve um exotismo, mas um exotismo ótico”. Tal afirmação aponta para desdobramentos importantes quanto ao estatuto da imagem na Modernidade, considerando-se a emergência de “uma ‘civilização’ em que se multiplicam os *voyeurs* e os contemplativos” (Certeau, 1993:43). Neste sentido, os olhares lançados outrora pelos viajantes estrangeiros – mais especificamente no Oitocentos - às paisagens missioneiras gaúchas possibilitam a compreensão de seus processos transformativos ao longo do tempo no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, pois é necessário considerá-las como estando inseridas na dinâmica de expansão de um sistema mundial de caráter cultural e econômico (Sahlins, 1990; 1992).

Para o caso de pesquisa etnográfica que realizei na região missioneira entre os anos de 2001 e 2002, os olhares dos diversos viajantes contribuíram para situar o próprio olhar do antropólogo no cenário da pesquisa, cooperando para o entendimento das ações humanas modeladoras das paisagens, ocorridas entre os séculos XVIII e XX. Tratava-se de lidar com um pressuposto básico, qual seja, o de que para considerar as paisagens praticadas pelos interlocutores da pesquisa no atual - portanto, em termos sincrônicos - seria preciso lançar mão dos relatos de viagem a fim de demonstrar a intensidade das transformações pelas quais passou a região, pois deteve significativa relevância para os procedimentos de conquista econômica e espiritual impetrados no *Mundus Novus*.

Naquele momento estava claro para mim que refletir sobre as narrativas de viagem, colocava ao etnógrafo a necessidade de tomar as interações espaço-temporais como relevantes para a análise sincrônica das relações de pertencimento a uma determinada região pelos grupos humanos etnografados, sendo necessário considerar

¹Este artigo é um excerto modificado de um capítulo de minha tese de doutorado intitulada “As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens. Estudo da memória coletiva dos contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul”, defendida na UFRGS em 2004.

² Programa de Pós Graduação em Antropologia - Universidade Federal do Pará (UFPA).

uma longa duração consubstanciada nas diversas formas de arranjos sócio-culturais e espaciais presentes no manejo das paisagens ao longo do tempo no contexto missioneiro – por isso, de caráter diacrônico, os quais se (des)organizavam em camadas temporais sobrepostas/atravessadas/mais ou menos obscuras e cuja densidade das memórias poderia acessar, pelo menos parcialmente, mediante um olhar atento às descrições elaboradas por pessoas que se aventuraram por uma região considerada inóspita entre o final do século XVIII; durante todo o XIX, alcançando, ainda, a primeira metade do XX.

Portanto, a pesquisa etnográfica ao conceber os espaços missionários como *loci* do estudo das relações entre memória e imaginário – em um contexto de expansão do colonialismo na porção austral americana – encontra nas visões dos viajantes sobre as paisagens sulinas, elementos da dinâmica modificadora dos ambientes autóctones e a configuração daquilo que Alfred Crosby (1993) denominou de *Neo-Europa*, mediante a expansão/implantação/aclimatação forçada de visões de mundo, de tecnologias, de formas de lidar com os ecossistemas nativos e de organismos exógenos em contextos bioetnodiversos outros que não o europeu, redefinindo assim, aspectos da morfo-fisiologia das paisagens e das dinâmicas eco-antropológicas inerentes às práticas ameríndias de manejo das mesmas, sob a égide de um “imperialismo ecológico” transformador das paisagens autóctones.

O olhar descritivo dos viajantes estrangeiros, ou mesmo dos brasileiros acerca dos lugares por onde transitaram no passado, revelam-se fontes fundamentais para a compreensão da dinâmica das paisagens ao longo do tempo, especialmente ao que se refere às “formas literária (o relato de viagem) e pictórica (os desenhos e pranchas dos paisagistas-em-trânsito)” (Süssekind,1990:7) produzidas por eles. Sendo assim, o interesse pela perspectiva dos viajantes que passaram pela área sul-riograndense e as suas descrições das paisagens das Missões, volta-se à poética das imagens que emergem da heterogeneidade narrativa presente nos textos desses personagens, sejam eles “estrangeiros” ou “nativos”, todos movidos por projetos pessoais distintos no contexto gaúcho.

Esses olhares revelam imagens etnográficas valiosas pelas suas descrições do mundo americano meridional, estando algumas vezes associados à visão dos naturalistas sobre o mundo selvagem americano – interessados nos aspectos zoo e fitogeográficos; mineralógicos; evolutivos; entre outros – que neste artigo me interessam mais diretamente. A partir desta visão dos naturais no contexto do Novo

Mundo, os viajantes realizam levantamentos das paisagens anunciando os aspectos de sua ecologia, enquanto catalogam espécies botânicas e zoológicas para a ciência da época. Além disso, a figura do estrangeiro resguarda uma heterogeneidade que lhe confere singularidades quanto às variações de proximidade e distância (Simmel, 1983) em relação ao olhar que lança sobre as paisagens do Outro. Trata-se de um personagem complexo, oriundo de processos civilizacionais diversos e que se vê imerso no romantismo que o contexto paisagístico do Novo Mundo evoca enquanto conjunto de imagens sensíveis e poéticas.

Para a discussão que me proponho realizar considero as narrativas dos seguintes viajantes: o engenheiro espanhol Félix Azara (permaneceu no Novo Mundo entre 1781-1801); o comerciante britânico John Luccock (1808-1813); o comerciante e naturalista-amador francês Nicolau Dreys (1817-1825); o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1820-1821); o naturalista-amador francês Arsène Isabelle (1833-1834); o turista belga Alexandre Baguet (1845); o combatente alemão Joseph Hörmeyer (1850); o médico-naturalista (fazendeiro e tropeiro) francês Aimé Bonpland (1817-1858); o médico-naturalista alemão Robert Avé-Lallemant (1855); o engenheiro, matemático e agrimensor alemão Maximiliano Beschoren (1875-1887). Incluo ainda mais três viajantes: o naturalista sueco Carl Axel M. Lindman (1892-1894), sendo este o único entre eles que não passou pelas Missões; o advogado (viajante-memorialista) pernambucano Hemetério José Velloso da Silveira, que percorreu a região por duas vezes, em 1855 e 1866; e o jesuíta e naturalista gaúcho, Balduino Rambo (que visitou as Missões no final da década de 1930). Finalmente, os dois pintores-viajantes - o francês Jean Baptiste Debret e o alemão Johann Moritz Rugendas - são considerados no artigo.

Há, certamente, um propósito nesse cruzamento de olhares estrangeiros no estudo em questão, no sentido de refletir acerca da intrincada relação entre os arranjos técnico-culturais conformadores de paisagens e o *mundus imaginalis* – nos termos de uma fantástica - na zona missioneira do Estado. A proximidade entre história e literatura³ consubstanciada nos relatos de viagem, se apresenta como um caminho capaz

³Para tanto me inspiro nas reflexões de Mary Louise Pratt (1999), especialmente na coletânea sobre o tema, organizada por Luiz Eugênio Vêscio e Pedro Brum Santos (1999); nas obras de Flora Süssekind (1990), de Miriam L. Moreira Leite (1997) e de Luciana de Lima Martins (2001), entre outros. Para a importância dos relatos de viagem na reflexão antropológica utilizo os trabalhos de João Pacheco de Oliveira Filho (1987) e de Ilka Boaventura Leite (1996). Os estudos clássicos de Augusto Meyer (1960) sobre o tema dos viajantes estrangeiros no Estado, além de sua introdução à obra de Nicolau Dreys (1961) e as notas de Dante Laytano ao livro do viajante Arsène Isabelle são fundamentais. A revista *Ciência e Ambiente*, número 13 – Viajantes Naturalistas -, e o número 19, cujo tema é Olhares sobre o Brasil também são importantes para a discussão que estabeleço.

de nuançar o que seria uma “temporalidade acidentada” (Rocha, 1994) na zona missioneira, como indica os olhares de A. Baguet e Carl Lindman – e mesmo, o de Saint-Hilaire para as paisagens uruguaias, após a influência poderosa de Artigas -, sobre os confrontos guerreiros em terras gaúchas, sem deixarem de sinalizar os aspectos do cotidiano do mundo gaúcho, desvelando o romantismo dos cenários nos quais os homens são agentes dinâmicos e onde ocorrem os conflitos, sem necessariamente tratarem deles.

As narrativas dos viajantes auxiliam na reflexão etnográfica pelo “caráter singular das informações” que ofertam à análise do tema estudado pelo antropólogo, neste caso, situado “numa linha de continuidade com o viajante”. A etnografia enquanto texto se complexificaria ainda mais, quando considerada a polifonia presente nos relatos de viagem engendrados por tais personagens no contexto brasileiro. Haveria assim, no meu ponto de vista, na experiência etnográfica sincrônica com as populações missioneiras certas ressonâncias com tais narrativas, que ajudariam “o antropólogo a imprimir à sociedade estudada uma dimensão histórica mais profunda, reunindo informações que transcendem em muito a capacidade de observação dos etnógrafos durante a situação de campo” (Pacheco de Oliveira Filho, 1987:85).

Existe, por certo, uma poética na literatura de viagem que indica o enlace emocional dos estrangeiros imersos nas paisagens do *Outro*, quando relatam as vicissitudes da experiência intercultural vividas por eles, ao mesmo tempo em que evidenciam o êxtase e o sensorialismo devaneante no contato com as formas exuberantes do maravilhoso – a resplandecência do *mirabilis* que perdura no espaço-tempo sul-americano. Por outro lado, há uma exigência científica que direciona o olhar de alguns viajantes no que se refere a observação da natureza subtropical: a fidedignidade no “olhar cartográfico”; a descrição sistemática das espécies e o registro pictórico dos detalhes paisagísticos, ou ainda, uma abordagem descritiva que enquadra detalhes morfológicos das imagens da flora e da fauna neotropicais presentes nas paisagens pictóricas e nas pranchas de suas obras científicas, editadas posteriormente nos países de origem.

Viajantes na América Austral: heterogeneidade cultural e transculturação nas paisagens do *Outro*

Personagem-narrador e gravura⁴. O viajante é um ator em trânsito no cenário tecendo as memórias das paisagens, experienciadas na relação com as alteridades humanas e não-humanas. Figura extasiada pelas imagens exuberantes das paisagens, cujas imagens evocadas desdobram-se em relatos de viagem onde as experiências culturais são vividas por sujeitos-viajantes diversos – evidenciando uma heterogeneidade étnica, cultural e econômica⁵, por exemplo -, em panoramas exóticos permeados pelas sensações do maravilhoso.

Os deslocamentos pelos espaços que constituem o chamado Novo Mundo derivam do ato de viajar como possibilidade de negócios; de estudos; e, mesmo, de evasão; implicados nas situações vivenciadas junto às paisagens do *Outro* a partir dos filtros culturais de origem e na relação com o contexto socioambiental americano pelos sujeitos em trânsito. Para o caso do Rio Grande do Sul, existiriam alguns relatos considerados como “obras-primas”, para usar uma expressão de Augusto Meyer (1960), uma vez que os mesmos seriam capazes de delinear cenários, enquadrando-os – na narrativa textual; nas representações pictóricas - numa dinâmica sócio-cultural própria ao cotidiano sul-riograndense, principalmente do século XIX.

Interessa-me aqui refletir acerca de quem seriam tais personagens modernos que se lançavam numa espécie de *tour*, através da qual atravessavam as paisagens austrais americanas como figuras estranhas ao cenário constituído, entre outras coisas, pelas ruínas daqueles que foram os *Siete Pueblos de las Misiones*, pertencentes à *Provincia del Paraguay* e que naquele período, encontravam-se situados na Província de São Pedro - mais tarde, Estado do Rio Grande do Sul.

Os viajantes cujas narrativas foram consideradas para a elaboração do artigo – uma etnografia de textos em busca de elementos narrativos a fim de reconstituir alguns traços das paisagens de outrora - são, principalmente, aqueles que passaram pela região missioneira ao longo de século XIX. Tomando esse panorama amplo, desenhado pelos diversos viajantes, torna-se importante para a discussão que estabeleço atentar à descrição das paisagens missioneiras presentes em suas narrativas, como forma de recompor aspectos primevos de um conjunto de cenários modelados pela ação humana ao longo do tempo que as diversas narrativas permitem retrair - pelo menos desde o

⁴Penso na litografia de Heinzmann realizada a partir do esboço do viajante-naturalista Martius, na qual os pesquisadores contemplam a paisagem dos “trópicos teofânicos”, de acordo com Lisboa (1997:117-118).

⁵Sobre as condições em que eram gestados os empreendimentos que compreendiam a viagem ao Novo Mundo e as representações acerca do ato de viajar no Oitocentos, ver João P. de Oliveira Filho (1987), Karen Lisboa (1997) e Mirian Moreira Leite (1997), sendo que esta autora estabelece uma reflexão inspiradora quanto às mulheres viajantes no século XIX que passaram pelo Brasil.

final do século XVIII, se considerar os relatos de Azara, por exemplo, passando por vários períodos do século XIX até chegar à primeira metade do século XX, com o padre Balduino Rambo.

A partir do manuseio de um amplo material elaborado pelos viajantes – livros, diários e relatos de viagem, mapas e pinturas – e seguindo as indicações de Pratt (1999) e Martins (2001)⁶ a partir de suas leituras distintas do trabalho de Fernando Ortiz ([1963]1991), é possível pensar como a região missioneira do estado foi “transculturada” pelos viajantes estrangeiros em suas produções acadêmicas, literárias e pictóricas.

Aqui, uso o termo “transculturação” - concebido a partir dos estudos do intelectual cubano⁷ - referido ao deslocamento de imagens de um contexto cultural a outro, considerando as conseqüências desse processo em termos de complexificação do imaginário acerca do Novo Mundo. Portanto, utilizo o conceito num duplo sentido: 1) no que se refere a uma perspectiva de maravilhamento, presente no olhar dos viajantes europeus inseridos no processo de expansão colonialista - frente às paisagens do *Mundus Novus*, descrevendo-as ao público do Velho Mundo – e; 2) pela visão resignificadora dos nativos daqueles aspectos culturais introduzidos nas paisagens meridionais por intermédio das relações com a Europa, considerando os desdobramentos desse processo na conformação das paisagens missioneiras, experienciados na dinâmica tensional entre as resistências e os sincretismos culturais. Entretanto, interessa-me neste momento refletir sobre a primeira perspectiva⁸.

Os viajantes estrangeiros e o maravilhoso nas paisagens missioneiras

Nesta parte da discussão meu olhar volta-se para as narrativas que suscitam o interesse dos viajantes pelo caráter “natural” das paisagens, buscando evidenciar o maravilhamento como experiência estética ante o cenário selvático americano, ou ainda, enquanto uma forma de êxtase na contemplação da exuberância das imagens neotropicais, ao mesmo tempo em que tais narrativas definem aspectos sócio-antropológicos da visão dos viajantes sobre o contexto missioneiro.

⁶Ver a introdução de Ligia Chiampi (1988:18) ao livro de José Lezama Lima. O termo transculturação foi utilizado por Mary Louise Pratt (1999) em suas reflexões sobre o olhar imperialista do viajante, porém me aproximo aqui mais do uso que Luciana Lima Martins (2001) faz do termo, destituído da excessiva carga ideológica presente nos estudos de Pratt.

⁷Fernando Ortiz desenvolve o conceito em sua obra intitulada *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, publicada em 1963.

⁸Para maior detalhamento da segunda perspectiva, ver a minha tese de doutorado.

Segundo o viajante-pintor Jean Baptiste Debret a oportunidade de viajar pelo país representava a possibilidade “de estudar a natureza inédita” com a “vantagem de poder admirar a beleza do ambiente brasileiro” (Debret, 1972:5). Aqui é preciso fazer uma ressalva e considerar ainda que juntamente com a literatura de viagem, existe uma vasta iconografia de paisagens. O olhar do pintor-viajante para o caso dos cenários platinos pode ser destacado pelas pinturas de Jean Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, por exemplo. Os pontos de vista de ambos sobre a luxuriância das imagens nos trópicos e do exotismo exuberante das formas de vida dos grupos humanos configuram algumas das representações mais potentes das paisagens do *Mundus Novus* - pictóricas, poéticas, descritivas⁹ - e, em algum nível, daquelas da natureza em sua diversidade ecológica, posto que ambas as noções co-existem num entrecruzamento profícuo.

Além disso, e num outro sentido, existiria um caráter mais efêmero por parte de alguns sujeitos em trânsito. Aqui a dinâmica de desenraizamento estaria ligada a fugacidade diante dos lugares percorridos ao longo da experiência de viagem, sendo detentores de certa superficialidade no olhar – o que não significa dizer inferior, ou de menor importância. Este segundo aspecto do olhar-viajante emerge a partir da perspectiva do estrangeiro em viagens de amenidades, porque vinculadas ao que denominamos na atualidade de fenômeno turístico.

O olhar do turista pelo menos desde o século XIX, exotiza as paisagens missioneiras. As deambulações de um personagem como este pelos cenários das Missões é passível de uma arqueologia das imagens. As narrativas de Baguet oriundas de suas deambulações pelo contexto missioneiro platino do século XIX - “FOI EM 1845” é a frase que abre seu relato – surgem no panorama dos viajantes, como exemplos da experiência de evasão ligada ao imaginário da viagem em franca expansão naqueles tempos.

Na introdução ao seu relato de viagem, Antônio Assis Brasil faz referência “ao impulso turístico” do viajante da seguinte forma:

⁹As paisagens descritivas de Rugendas (ilustrador científico de origem alemã, que permaneceu em terras brasileiras entre 1821 e 1825), são iconografias esplendorosas que representam um marco na pintura das paisagens do Novo Mundo e das imagens americanas. Sobre Rugendas ver Pablo Denier e Maria de Fátima Costa (1999). Acerca do olhar dos viajantes-pintores britânicos sobre o Brasil, Luciana Martins deixa claro que “o que transforma essa cena em *paisagem* é o observador, que emoldura a vista, que seleciona, ilumina ou sombreia os elementos que a compõem, conferindo-lhe sentido” (Martins, 2001:16).

suas razões foram derivadas do desejo de enriquecer seu universo de emoções, o que o caracteriza como um autêntico *flâneur*, isto é, aquele que está disposto a enfrentar dificuldades sem conta para viver intensamente a viagem e lançar um olho *vouyer* sobre as paragens visitadas (Assis Brasil, 1997).

Baguet é um amante das viagens e um burguês diletante. *Flâneur* deslocado dos grandes centros europeus que sonha aventuras em paisagens exóticas. Nas suas viagens pelo mundo austral percorreria a vasta área austral, circulando pelo que chamava de “as paisagens lendárias” como um turista apaixonado – talvez inspirado pelas *paysages légendaires* européias, como as de Brocéliande (Calvez, 1999); as paisagens runíformes italianas e seu romantismo, entre outras. Seu ofício de representante do secretário do governo norte-americano - envolto em diplomacias com o Paraguai -, significou a oportunidade de financiamento para sua viagem aventureosa.

Certamente, o viajante belga, figura como um personagem precursor do contemporâneo Circuito Integrado das Missões Jesuíticas – ligado às viagens de cunho histórico-cultural e, mesmo, religiosas -, como uma das tendências no turismo internacional na América Latina. O diálogo entre Baguet e o “enviado extraordinário junto à República do Paraguai”, bem como as suas reflexões sobre a viagem são ilustrativos:

- Que sorte a sua dizia-lhe eu, de poder empreender esta viagem!
 - Falta-me apenas um homem cheio de energia, rico de saúde, pronto a enfrentar os perigos e as fadigas de um longo percurso, capaz de me auxiliar em minha missão, conhecedor de algumas línguas, em uma palavra, um secretário, e este homem é o senhor.
 Tive de fazer um grande esforço para não me atirar nos seus braços, de alegria, pois ao pisar o solo do Brasil prometera a mim mesmo aproveitar a primeira oportunidade que se apresentasse para percorrer o interior do império e visitar alguns países vizinhos.
 Pedi-lhe um dia para refletir e no dia seguinte assinamos o contrato.
 O navio que nos conduziria ao Rio Grande não estava pronto para a partida; aproveitei o atraso para estudar mais a fundo a língua espanhola e pôr-me ao par de uma função completamente nova para mim.
 A perspectiva desta viagem correspondia tanto mais à minha curiosidade quanto o Paraguai era pouco conhecido e as descrições que dele se faziam pareciam-me quiméricas ou, pelo menos, exageradas.

(...)

No Brasil eu contava com amigos devotados dos quais ia separar-me por muito tempo e, se fosse de caráter mais impressionável, teria perdido a esperança de os rever, pois tinham-nos descrito os campos

do Rio Grande, erroneamente, porém como um refúgio de bandidos dos quais raramente se escapa.

Afirmava-se que, depois da guerra de insurreição, muitos salteadores e desertores percorriam a campanha, para roubar os viajantes; mas a seqüência irá mostrar que por ali se podia viajar com certa segurança (Baguet, 1997:22-3).

As diversas revoluções que ocorreram na Província de São Pedro ao longo do XIX parecem ter sido, de qualquer forma, um dilema para os viajantes que por ela passaram naquele período. Na segunda metade desse século, o naturalista sueco Carl Lindman, por exemplo, não pode realizar suas excursões botânicas à região missioneira do estado “por causa da guerra intestina que, planejada em 1892, desde o começo de 1893 rebentou no lado oeste e sudoeste do Rio Grande” (Lindman, 1974:107), tendo, por isso, margeado a mesma e percorrido outras áreas do Estado. Fica claro que apesar do cenário de conflitos, os viajantes não deixaram de circular pelas paisagens rio-grandenses.

A figura do combatente alemão Joseph Hörmeyer surge no panorama rio-grandense ligada à Legião Alemã – ele era um *brummer* -, a qual foi “contratada pelo governo imperial para integrar as tropas luso-brasileiras na campanha contra Rosas” (Hörmeyer, 1986:8-10). Percorreu, em 1850, aquela que considera “a magnífica terra abençoada por Deus”, descrevendo a porção mais austral do território brasileiro da seguinte forma:

Toda a província é atravessada por serras... Somente no sul e no noroeste encontram-se planuras; quanto ao resto, é dividido em coxilhas e serras. As primeiras são desnudas, somente cobertas em lugares abundantes em águas, de arbustos e pequenas matas; as elevações e os montes, porém, são cobertos com belas árvores folhadas; mais para o norte no planalto, com o magnífico pinheiro-brasileiro (Hörmeyer, 1986:20).

Logo na primeira década do século XIX, o viajante britânico John Luccock descreveria a geopolítica fronteiriça tomando a descrição das paisagens, a partir de sua estadia no Uruguai e, mais exatamente, de um dos pontos nodais que desencadearam a crise do sistema político-econômico das reduções jesuítico-guarani, a Colônia de Sacramento. Nesse caso, direciona seu olhar para o Rio da Prata num período pós-conquista do território missioneiro da banda Oriental pelos portugueses. De acordo com Luccock:

Depois da noite de ansiedade que empregamos em fugir da nossa quarentena, Colônia, freqüentemente chamada de São Sacramento, deu-nos deliciosas boas-vindas, no instante em que um sol esplêndido surgia no rio. O prazer que tive ao contemplá-la não provinha somente do cenário natural, nem tampouco da sensação de uma liberdade recentemente conquistada; via-a também como teatro de muitas façanhas militares, motivo de negociações diplomáticas e sujeita talvez a transformar-se num ponto de grande importância para a nova situação do Brasil. O Governo da região cuida dela com certa inquietude, pois que ali existem alguns dos rios mais grandiosos do mundo, dali se pode controlar o espírito revolucionário da outra banda do Prata, e o lugar ainda constitui ponto de especial valor nos projetos que alimentam sobre o território Ocidental, que não mais hesitam em chamar de Capitania do Paraná.

(...)

O território que o Brasil conquistou recentemente não pode medir menos de setenta mil milhas quadradas, possuindo por natureza todas as riquezas, comodidades e belezas que podem conceder um clima excelente, um solo fértil e rios abundantes. Compreende quase que a totalidade da região que começou a ser civilizada pelos jesuítas, corporação essa que realizou maiores benefícios e causou maiores danos que qualquer outra. É uma zona mais plana do que montanhosa, embora nela se encontrem algumas alturas consideráveis, sendo que quase por toda parte ela é suficientemente ondulada para tornar-se enxuta e saudável. Existem, é verdade, alguns trechos pantanosos, junto aos grandes rios, mas estes, se jamais vierem a ser colonizados, hão de formar terrenos da mais rica espécie. A Corte do Brasil conseguiu também, por meio dessa cessão, a mais conveniente das fronteiras dos seus domínios transatlânticos...Um desses rios, o Paraná, nasce no coração do Brasil, corre através do país até receber o Paraguai, tornando-se daí por diante a fronteira ocidental da província a que empresta seu nome... Suas águas reunidas correm com a majestade de um mar até que contribuem na formação do imenso estuário familiarmente conhecido pelo nome de Rio da Prata (Luccock, 1975:101-102)¹⁰.

Lucocck vislumbra as Missões orientais anunciando as paisagens missionárias do Continente de São Pedro através da sua relação com a Mesopotâmia Missionária. Nicolau Dreys, viajante francês¹¹ – comerciante e naturalista amador - que viveu no Brasil entre 1817 a 1825 mencionaria as “esplêndidas manifestações locais da natureza em todos os seus reinos” presentes nas paisagens rio-grandenses (Dreys, 1990:62). Portanto, o olhar do europeu civilizado está imerso numa aura romântica que se encanta

¹⁰John Luccock, viajante britânico que viveu por 10 anos no Brasil, tendo permanecido no Rio Grande do Sul entre os anos de 1808 e 1813. Foi considerado “um comerciante inteligente, dotado de uma cultura fora do vulgar” (Introdução de Mário G. Ferri, 1975).

¹¹Nicolau Dreys realizou “constantes jornadas pelo interior do Rio Grande, a serviço de interesses comerciais”, de acordo com Augusto Meyer (1960:293).

com a exuberância, deflagrada por uma “vistosa paisagem”, ou ainda, está propenso a “admirar a majestosa tranquilidade da paisagem”¹².

As “planuras” das paisagens missioneiras do noroeste do estado relacionam-se ao estuário do rio da Prata por intermédio do rio Uruguai, importante curso hídrico que aparece inúmeras vezes nas narrativas dos viajantes. A. Baguet, ao descrevê-lo, evidencia que foi um leitor atento de Félix de Azara. Entretanto, suaviza a descrição cartográfica extremamente técnica do espanhol quando se referiu as paisagens da Mesopotâmia Missioneira do final do Setecentos. Segundo Baguet:

Após trinta dias de espera em São Borja, nosso guia Leopoldo juntou-se a nós com a mula e as bagagens. Fizemos nossos preparativos para atravessar o Uruguai, um destes rios majestosos da América do Sul, que deu seu nome à República do Uruguai.

O Rio Uruguai nasce na província de Santa Catarina, dirige-se para Oeste e recebe em seu leito tantas correntes e rios que a 25 léguas de sua nascente já é navegável sob o nome de Rio das Canoas. Somente onze léguas adiante toma o nome de Uruguai, após ter recebido as águas do Rio Pelotas e, concluído seu curso de 230 léguas, lança-se no Rio da Prata, pelos 34 graus de latitude. A partir de sua junção com o Rio Pepuri, o Uruguai é um rio da América espanhola numa extensão de cerca de 90 léguas, o restante de seu curso pertencendo ao território brasileiro... Diversas ilhas muito arborizadas e florestas magníficas, que se encontram ao longo dos rios, fornecem madeira de construção de toda a espécie (Baguet, 1997:91-92).

Baguet descreve a paisagem fronteira em 1845 na porção que foi outrora o palco de uma das mais audaciosas empreitadas civilizatórias na América Meridional. O rio Uruguai, no Setecentos estava dentro do território da Província do Paraguai, vinculada à experiência urbanística jesuítico-guarani dos chamados *pueblos*, bem como das inúmeras estâncias espalhadas pelo vasto território da região missioneira.

O viajante Joseph Hörmeyer, por sua vez, oferece um panorama dessa ambiência em sua narrativa - dando uma idéia de sua visão sobre os índios e as Missões -, quando menciona as paisagens localizadas nas proximidades do rio Uruguai que, segundo ele:

irriga os campos mais ricos do sul da América e oferece pontos muito adequados para uma extensa colonização frutífera. Já cedo, os jesuítas reconheceram isso ao fundarem ali as suas missões em número de sete, levando os ijuís selvagens a construir aldeias e roças, a submeter-se ao cristianismo e, de brutos e vagantes trogloditas que eram, tornar-se pacatos cidadãos. Juntos a ele ficam situadas as acima mencionadas

¹²Expressões de Charles Darwin para descrever as paisagens brasileiras.

Sete Missões, agora chamadas de povos, dos jesuítas. Tudo nelas mostra vestígios do trabalho abençoado e da perspicácia, tanto econômica como política, daqueles homens, reservando-se o autor a empreender uma viagem para lá a fim de poder dar, de vista própria (Hörmeyer, 1986:39).

As características singulares das paisagens rio-grandenses - a sua heterogeneidade - estariam influenciadas, segundo Lindman:

tanto pela sua posição geográfica como pela sua média anual de temperatura (abaixo de 20°C.) à zona temperada quente, continua, todavia a mata virgem tropical neste Estado sem perda essencial de seu caráter¹³... Mas também sob um outro ponto de vista, o grande desenvolvimento da mata do litoral, no interior do Rio Grande, (e em Missões, Paraguay, etc) é um fato singular por causa do vivo contraste com os campos circunvizinhos. Seria necessário encarar a própria mata como um dos fatores mais importantes no resultado contraditório... No Brasil do Sul é incontestável a manifestação de um contraste marcadíssimo tanto na fisionomia como na natureza física entre a mata virgem e as partes campestres despidas de mata (Lindman, 1974:176-179).

Em 1834 o cenário missioneiro se afiguraria para um comerciante e naturalista amador, o francês Arsène Isabelle¹⁴, como uma “paisagem variada”, ou mesmo “encantadora”. Este mesmo viajante descreve as paisagens fronteiriças nas proximidades de São Borja, onde navegou numa chalana – “barco chato, coberto de um teto leve, feito de caniços e couros esticados por meio de correias” - pelo rio Uruguai. Isabelle evidencia o seu arrebatamento pelas paisagens ribeirinhas, uma vez que segundo ele

podíamos gozar verdadeiramente de uma vida contemplativa e de êxtase, porque o espaço de trinta léguas que nos separa da primeira Missão está coberto, ao longo do Uruguai, de matas magníficas onde o

¹³Conforme Jorge Luiz Wachter em seu texto sobre as impressões de Avé-Lallemant sobre o estado: “O caráter transicional subtropical da flora gaúcha foi admiravelmente sintetizado na seguinte expressão: O Rio Grande tem o raro encanto botânico de que aqui se estendem largamente para o sul as plantas dos trópicos, sem de modo algum prejudicar a natureza extratropical. Antes de tudo o que ocorre nos trópicos e fora deles lá se ajunta promiscuamente, se emaranha e cresce; e não se pode fazer uma excursão sem ser surpreendido por impressionantes contrastes.” (Wachter, 1996:81)

¹⁴Arsène Isabelle menciona que os rio-grandenses chamavam viajantes como ele de “apanhadores de bichinhos”. É preciso ter claro que “Arsène Isabelle não foi propriamente um naturalista. Sua principal obra – *Voyage a Buénos-Ayres et a Porto-Alegre, par la Banda Oriental, les Missions d’Uruguay et le Province de Rio-Grande-do-Sul* – é, acima de tudo, um relato de impressões sobre as regiões percorridas, incluindo aspectos geográficos, culturais, econômicos e sociais” (Marchiori, 1996:56). Nicolau Dreys também realizou “constantes jornadas pelo interior do Rio Grande, a serviço de interesses comerciais”, de acordo com Augusto Meyer (1960:293).

luxo da vegetação brasileira se desdobra a cada passo e tivemos também a satisfação de fazer uma linda colheita (Isabelle,1983:16).

Não menos entusiástica foi a narrativa de Maximiliano Beschoren cujo interesse estava em conhecer o interior do estado, sendo o seu “desejo [o] de relatar a respeito de uma pequena exploração, em ‘terra incógnita’, na investigação de riquezas existentes na selva” (Beschoren, 1989:97). Para isso, optou pelo trabalho como agrimensor para alcançar seu intento de viajar pelo “mundo desconhecido” do noroeste do estado. Na segunda metade do século XIX após uma longa caminhada, afirmou:

de repente escutamos um forte rumorejar. Tinha que ser o Uruguai!

- Agora adiante, em passo acelerado.

Como as águas se tornassem profundas, tivemos de seguir pela floresta. Nem os espinhos, nem cipós, nem criciúmas se tornavam obstáculos. Até que subitamente a floresta se abriu e, na radiante luz do sol, o extenso espelho d’água do Uruguai estava diante de nós.

É impossível descrever a nossa alegria – só pode ter idéia, quem já vivenciou tal momento. Forte “Hurras” soaram. As armas detonaram, festejando o acontecimento, anunciando às matas seculares, que os homens civilizados estavam chegando. Bandos de aves aquáticas levantavam vôo, espantadas pelo movimento, gritando alto, irritadas pela perturbação do sossego paradisíaco (Beschoren, 1989:110-111).

Na narrativa de Beschoren, fulguram as imagens do maravilhoso quando o homem civilizado adentra os sertões sul-americanos, descobrindo o selvático ao vislumbrar as paisagens missioneiras, as quais emergem ante a contemplação de um cenário banhado pela ensolarada luminosidade neotropical, reatualizando o mito edênico e a visão do paraíso terreno.

A bacia do Uruguai, irradiando-se pelo território rio-grandense, distribui a sua malha hídrica pelos vários pontos da região noroeste do estado. As águas interiores convergem no seu corpo, mas, antes, recortam sinuosas o planalto das Missões. Entre os tributários do Uruguai surge o Piratini como um dos cursos d’água que se destacam na região missioneira, tendo sido descrito por Saint-Hilaire¹⁵, quando da necessidade de sua passagem para alcançar a redução de São Nicolau. Em sua narrativa fica claro um traço comparativo entre as paisagens sul-americanas e as européias, dando uma idéia do cenário ao leitor do século XIX. O viajante refere-se ao Piratini da seguinte forma:

¹⁵“Saint-Hilaire pertence a outra família de viajantes, e dentro da nossa Estante dos Forasteiros devemos reservar-lhe um lugar especial, que é o dos cientistas forrados de boa formação humanística” (Meyer, 1960:301).

Até o rio Piratini, o terreno continua desigual e sempre agradavelmente cortado de pastagens e de tufos de capim. O Piratini é um dos maiores afluentes do Uruguai; na direção onde atravessamos pode ter a mesma largura que o braço do Montées na sua foz, sendo guarnecido de duas fileiras de árvores cerradas e copadas. Minhas bagagens foram transportadas, numa péssima piroga, pertencente a um velho índio, cuja choupana está próxima do rio. Como o rio é vadeável aos animais, a não ser no meio, os bois puxaram a carroça de uma à outra margem.

Do outro lado do Piratini, a região se torna mais agradável ainda, a ondulação dos terrenos mais sensível, os tufos de capim, mais próximos uns dos outros, formam uma espécie de decoração, semelhante aos tufos de um jardim inglês, disposta no meio de um vasto prado. Apesar de menos numerosos que ontem, os moscardos ainda muito incomodam (Saint-Hilaire, 1987:292).

Aimé Bonpland - cientista companheiro de viagem de Alexander von Humboldt pelo Novo Mundo - retornaria anos depois dessa experiência à América e jamais voltaria à Europa. Ele é uma figura emblemática no contexto das paisagens platinas e um ícone para alguns desses viajantes – Isabelle; Dreys; Avé-Lallemant e Baguet - atraindo-os àquela região, como fica evidente em passagens dos seus diários de viagem pelas paisagens missioneiras.

Em seu “retiro eremítico” (Waechter, 1996:75) na região missioneira platina, primeiramente no contexto brasileiro e após no argentino, o cientista tornou-se figura conhecida. Na porção missioneira gaúcha “fixou residência na costa do rio Piratini, consta na esquina Piratini, sobre o Lajeado Godói, onde esteve até 1834 ou 35”, quando “prestava assistência médica caridosamente” (Cruz, 1993:27). Esse personagem singular – considerado “amigo de ricos e pobres” -, teve uma experiência pessoal marcada pela intensidade de sua trajetória social no contexto sul-americano. Foi companheiro de viagem de Humboldt; amigo de grandes cientistas europeus de sua época; responsável pelo Jardim Botânico da Imperatriz Josefina; prisioneiro de Francia ditador paraguaio; tendo sido homem de muitas relações no Brasil, Argentina e Uruguai; médico em São Borja e arredores; botânico sempre envolvido com coletas e descrições de espécies em seus diários; tropeiro; ervateiro e idealizador de projetos de desenvolvimento da região missioneira. De acordo com Alicia Lourteig:

Sus diarios de viajes dan pinturas del paisaje, de la vegetación y de las rocas, piedras y la configuración del terreno. La selva virgen está admirablemente descrita com sus palmeras, pájaros, flores, perfumes. Viajaba a caballo y se orientaba mediante la brújula. Para

transportar sus bagages y sus colecciones y también para dormir utilizaba una carreta, como en el gran viaje que hizo a Porto Alegre por la sierra en que condujo cerca de ochientas cabezas de vacunos y doscientas ovejas de lana fina, en parte para vender al señor Rodrigues Chaves; además de un número importante de caballos, jumentos, mulas y ovejas de lana. Va acompañado por su doméstico y seis peones, aunque hubiera deseando ocho. Entonces, duerme veintecinco noches en la carreta. Vivía plenamente en la naturaleza y la gozaba en fondo de su alma. A pesar de ser otro el motivo del viaje, veía las plantas, las recogía y en cuanto podía las describía. El diario del viaje lo hacía cada noche; las descripciones de las plantas, después de poner éstas a secar, se atrasaban a veces no sin razón. Cambiaba papeles y se ponía al día en las descripciones durante las jornadas de mal tiempo (Lourteig, 1996:23).

O médico-naturalista francês ao fixar-se nas Missões, tornou-se uma espécie de naturalista-comerciante. Em São Borja transforma-se em fazendeiro, vindo a trabalhar como tropeiro, sem deixar de exercer a medicina. Nunca abandonou as suas observações botânicas. Bonpland, em sua passagem no ano de 1849 pela região missioneira em direção a Porto Alegre, conduz uma tropa de bovinos ao mesmo tempo em que idealiza seu projeto de cultivo de erva-mate na região missioneira, sem deixar de realizar as coletas de plantas.

Ao longo do caminho observa “*la terre rouge*” e “*la végétation des Missions*”. O médico-naturalista descreve a rede hídrica daquela porção missioneira sem ocultar o seu diálogo com moradores locais, da seguinte forma:

Après le lever du soleil nous marchons et nous allons nous arrêter à la rivière Ñacapitu¹⁶. Cette courte journée a pour but principal de faire tremper les roues de ma charrete dans l'eau afin d'éviter que les rayons se remuent, plus de donner amplement à boire à nos animaux. Avant de partir j'ai eu une assé longue conversation avec le propriétaire de tunas Antonio Moreira da Silva. Singulier idée de cet homme sur Fructuoso Ribero et Bentos Manuel... Arrivé de tres bonne heure sur les bords du rio Ñacapaou nous nous arretons et demontons notre charette. Cette rivière conduit ses eaux dans le Piratini. la rivière Ñacapitu est courbée profondement et entourée d'une riche végétation en plantes herbacées, arbrisseaux et arbres de moyenne hauteur, il est à présumer quelle doit offrir de beaux lauriers et quelqu'autres arbres de hautes futaies (Bonpland, 1978:8-9).

Em sua narrativa Joseph Hörmeyer também menciona “o rio *Ijuí*, entre o qual e o *Piratini* se estendem as Missões e várias localidades” (Hörmeyer, 1986:40). Robert Avé-Lallemant, por sua vez faz referência ao rio Piratini em seu relato, pois ao passar

¹⁶ Trata-se do rio Inhacapetum.

perto do Passo do Piratinim atravessamos um campo, cujo solo brilhava como uma multidão de cacos de vidro. Encontrei, saindo da terra, considerável massa de belos cristais hexagonais, na maioria perfeitamente límpidos, alguns com cintilações azuladas de ametista nos vértices. Alguns isolados; outros, porém, formavam ninhos e refletiam a luz do sol em todas as direções... Entre as moitas de suas margens, corre tranqüilamente em Passo de Santa Maria o Piratinim para o Uruguai, em direção ao norte. Não terá, com suas curvas mais de 50 léguas de comprimento. Já atravessara, desde Santa Tecla e São João-Mirim, pequenos afluentes do Piratinim. Dali corre ele, afastado algumas léguas das missões de São Miguel, São Lourenço, São Luís e São Nicolau, até alcançar o Uruguai (Avé-Lallemant, 1980:259).

A narrativa do médico-viajante Avé-Lallemant apresenta algo de surreal, quando faz referência aos inusitados caminhos brilhantes banhados pela luminosidade solar na porção austral da América. Anunciando iridescências dispersas ao léu nos trilhos que levam às Sete Cidades Barrocas. O trajeto resplandecente conduz a “um pedacinho de terra muito interessante, o território das Missões, não só pela sua história, como pelo cenário dos acontecimentos e sua natureza” (Beschoren, 1989:69). Mas, em Avé-Lallemant tudo parece seduzir o olhar pelo bucolismo do cenário, de forma a impulsioná-lo em direção às paisagens missionárias, mesmo antes de deparar-se com os prismas luminosos dos cristais de quartzo.

Atraído e empolgado pelas muitas novidades do campo relvado, tão monótono à primeira vista, perdi o caminho e andamos errando na mais profunda solidão. Cavalgamos através de riachos, colinas e planícies; afinal, encontramos uma casa, onde nos ensinaram o caminho para São Martinho. Não queria ir para lá, mas, de certo modo ali estava o caminho para as Missões. E para lá viajei (Avé-Lallemant, 1980:223-224).

Aquelas paisagens arrebatariam Avé-Lallemant, pois conforme o viajante alemão, em 1858, as paisagens austrais faziam com que se sentisse

tão solitário como ainda não me sentira em toda a viagem. Adiante de Guassupi perdi o caminho e em pouco estava num profundo ermo coberto de relva. Não havia casa em parte alguma, nenhum ser humano; a distância só se viam bois dispersos e tímidos cavalos e estes mesmos em menor número. A esse afastamento da vida associavam-se novos fenômenos em que ainda mais se manifestava a distância de entes humanos. Grande manada de corças passou à nossa esquerda, andando tranqüilamente pela relva, como se nunca tivesse visto um homem que lhes pudesse oferecer perigo. Pouco depois, com

movimentos tão audaciosos quanto nobre, correu em disparada um casal de grandes veados do pampa, adultos; os esbeltos animais pareciam apenas tocar as ervas com os pés. E então passou trotando diante de mim uma ema, que ora corria, ora comia. Demais em toda parte piavam perdizes nas moitas de ervas e em torno das colinas esvoaçavam, espreitando, aves de rapina; nem mais, porém, nem menos, oferecia a hora cálida do meio-dia, pois o tempo esquentara e não se via nenhuma árvore, nem moita, neste mundo a um tempo tão ermo e tão animado, que influi na alma do viandante, mormente quando tão só, como eu, penetra em seus domínios (Avé-Lallemant, 1980:226).

As paisagens singulares da região missioneira induziriam o viajante a realizar uma comparação com o Velho Mundo: “Enquanto os animais se espojavam e pastavam, olhei em redor de mim. Que enorme distância entre o mundo civilizado europeu e as várzeas rio-grandenses nas remotas Missões!”

O viajante Arsène Isabelle delinea com o fio de sua narrativa os contornos das paisagens, a partir de São Borja em direção as demais reduções, em que o curso hídrico costura o espaço missioneiro, pois toda

a campanha vizinha ao Piratini é montanhosa. As pastagens prestam-se muito para a criação de cavalos, mulas e lanígeros. Faz-se grande comércio de mulas com a Província de São Paulo. O grés vermelho quartzoso me pareceu formar as bases dos Cerros. Há muitas florestas de pequena extensão mas freqüentemente repetidas. Chamam-lhes *capões* ou *matos* segundo seu tamanho; é o que se denomina *islas* na Província de Corrientes (Isabelle, 1983:23).

Nas proximidades da região missioneira Saint-Hilaire percebe as singularidades das paisagens daquele ponto do Estado¹⁷, pois vislumbra um

terreno quase plano, de pastagens verdes a perder de vista e de um belo verde. Alguns sítios pouco pedregosos. De Montevidéu a Ibicuí somente encontrei matas às margens dos rios e riachos, mas aqui começo a encontrar esses bosquetes, chamados *capão*. Perto, como por toda parte, ocupam as terras baixas e os lugares úmidos e abrigados. O seu verde lá não mostra as tonalidades alegres e suaves dos bosques de Montevidéu, nem são sombrios como os *capões* dos campos gerais, mas a sua folhagem já apresenta o verde escuro característico de vegetação das matas da zona tórrida (Saint-Hilaire, 1987:261-274).

¹⁷As paisagens gaúchas detêm singularidades biodiversas no contexto fitogeográfico brasileiro, fato que Arsène Isabelle constata quando afirma que “muda completamente o aspecto da paisagem”, referindo-se à região missioneira, elemento importante desse amplo cenário de diferenças botânicas, conservando, inclusive, diversidades frente ao próprio espaço platino.

O viajante passa por São Borja, aldeia que “está situada sobre uma ligeira elevação, em sítio entrecortado de pastagens e de bosquetes. A uma légua ao norte, encontra-se o Uruguai, que corre majestosamente entre duas orlas de bosques cerrados, densos, pouco diferentes das florestas virgens”. Em São Lourenço o viajante descreve a paisagem:

Paramos nessa chácara. Acha-se apertada entre dois tufos de capim. O terreno, muito desigual, contribui para o encanto da paisagem. As plantações são consideráveis e creio não ter visto mais belas desde que estou no Brasil. Não existe aí erva daninha; as plantas se encontram dispostas com simetria” (Saint-Hilaire, 1987:305-306).

Além disso, o viajante considera “encantadora a região, oferecendo em área acidentada uma mistura agradável de pastagens e bosquetes”. Os capões nativos que, para Carl Lindman, botânico sueco que passou pelo Rio Grande do Sul no período entre 1892 e 1894 (seu estudo sobre a fitogeografia do estado é visto até hoje como um clássico, tratando-se de um dos primeiros estudiosos a operar com o conceito de ecologia), configuram junto com os campos de cima da serra, importante formação vegetal rio-grandense. O termo aparece em nota de rodapé na edição brasileira de sua obra, onde a palavra *caapão* (*caapuan*) enquanto um vocábulo indígena significaria “mata redonda”, ao passo que *capoeira* (*caapuèra*) refere-se a “mata que foi”, ou seja, uma vegetação modificada pela ação humana. Segundo Carl Lindman:

Pode-se, pois, contar como pertencentes às matas rio-grandenses não só a extensa zona de mata virgem, distinta por sua vegetação grandiosa, como também, com transições suaves, os capões espalhados nos campos e as matas brejosas, baixas e parcialmente arbustivas nas baixadas úmidas da grande planície. Pertence a esta igualmente toda a vegetação arborescente que com o nome de ‘caapuèra’ constitui restos de mata devastada ou que de outro modo se formou pela intervenção do homem, ora abandonada a si mesma crescendo no estado primitivo, ora limpada e tratada pela população, patenteando, todavia, e de vários modos, as transições para as formações florestais primitivas (Lindman, 1974:176).

Maxililiano Beschoren, por sua vez, ao mencionar a topografia da região missioneira afirma que a

superfície da região do campo é levemente ondulada. Suaves coxilhas revezam-se com canhadas. Duma ou doutra coxilha mais elevada

descortina-se uma visão de muitas milhas, por cima daquele mar de capim. Quanto mais para o oeste e para o Sul, as coxilhas perdem altura e os campos mais adquirem as características de pampa. Nos municípios de Passo Fundo, Soledade, Palmeira, Santo Ângelo, parcialmente Cruz Alta e São Luiz a monotonia dessas regiões campestres é interrompida por faldas da serra ou capões¹⁸ (Beschoren, 1989:151-2).

As paisagens missioneiras são paulatinamente transformadas pela expansão colonialista na porção austral americana, a qual engendra o modelamento das mesmas através de práticas técnico-culturais exógenas – muito diversas ao processo de antropização instaurado pelos grupos indígenas desde longa data no contexto do Tape, como era denominada a região que viria a ser chamada de Província de São Pedro -, pois imprimem novas feições aos ambientes, culturalizando-os na medida em que alteram as suas fisionomias ante os desígnios do sistema de mundialização que se instaura.

Félix de Azara, militar e engenheiro, enviado pela Coroa Espanhola para deter o avanço português no Prata durante o século XVIII, é citado por alguns dos viajantes como fonte fidedigna de informações sobre a América. Ele descreve as paisagens platinas, onde os campos são modificados pela ação humana mediante as suas atividades pecuárias e o oportunismo das espécies exóticas que acompanham o avanço humano. Segundo o autor:

He hablado de campos en que no hay ni hombres ni ganados o en que hay pocos o que son recién poblados. Pero en los paques o pastos frecuentados desde hace mucho tiempo por los pastores y lo rebaños he observado constantemente que estos pajonales, o lugares llenos de grandes hierbas, disminuyen día por día y sus plantas son reemplazadas por césped y por una especie de cardo rastrero, muy espeso y de muy pequeña hoja; de suerte que si el ganado si multiplica o pasa un tiempo algo considerable, las grandes hierbas que el terreno producía naturalmente desaparecerán del todo. Si este ganado es lanar, la destrucción de las grandes hierbas és más de prisa, etc. He observado igualmente mil veces que alrededor de las casa o de todo paraje donde el hombre se establece se vem nacer al instante malvas, cardos, ortigas y otras muchas plantas, cuyo nombre ignoro, pero que nunca había encontrado en los lugares desiertos y a veces a más de treinta leguas a la redonda. Basta que el hombre frecuente, aun a caballo, un camino cualquiera, para que nazcan en sus orillas algunas de estas plantas, que no existían antes y que no se

¹⁸Sobre a importância do deslocamento dos tropeiros pelas paisagens austrais brasileiras na gênese e conformação do mundo urbano rio-grandense (e no Planalto Médio) ver Prudêncio Rocha (1964), Moysés Vellinho (1975), Isaltina da Rosa (1981), Beatriz M. da Cruz (1986), Ilvo J. Fialho (1992), M. S. Rodrigues (1994) e Ubirathan Soares e Naiara Dal Molin (1996).

encuentran en los campos vecinos, y basta cultivar un jardin para que en él crezca verdolaga. Parece, pues, que la presencia del hombre y de los cuadrúpedos ocasiona un cambio en el reino vegetal, destruye las plantas que crecían naturalmente y hace crecer otras nuevas (Azara, 1998:88-89).¹⁹

O gaúcho, enquanto figura emblemática que habita as regiões austrais – o gaúcho missioneiro (Freyre, 1973) para o caso deste estudo - está integrado às paisagens e inserido num sistema “ecológico-econômico” no qual se verifica o surgimento de uma “civilização *guasca*”. Esta, segundo Carlos Reverbel (1986), sintetizaria “a própria idade do couro”. Deve-se aos jesuítas²⁰ em 1634, a introdução do gado bovino no Tape que, ante a violência e à destruição levadas a cabo pelas bandeiras sobre as reduções no 1º ciclo missioneiro, e o posterior abandono dos padres e índios daquela região, acarretou a sua dispersão pelo território, originando o chamado “gado chimarrão”, bravio e selvático, que se ambientou às paisagens gaúchas constituindo-se em mais um dos elementos transformadores do cenário. O gado xucro atua de maneira a conformar as características atuais das paisagens rio-grandenses (e missioneiras), pois

a fisionomia dos campos nativos do Rio Grande nem sempre foi assim. Tomou essa feição depois da entrada do gado. Foi obra do dente e do casco do boi, bem secundados pela voracidade cavalari e pelos caprichos palatais da ovelha (...) As pastagens primitivas eram altas, em muitos pontos mais altas que um homem em pé. E, entre as gramíneas e leguminosas, onde despontariam manchas atapetadas de trevo e flechilha, havia vegetação arbustiva e enormes tufo macegosos. À medida que as lotações iam aumentando, os animais, com seus trabalhos de boca e exercícios de pisoteio, encarregaram-se de afeiçoar os campos nativos ao regime do pastoreio (Reverbel, 1986:21-23).

O padre Balduino Rambo, na década de 30 do século XX, pondera sobre a introdução do gado nas paisagens nativas gaúchas quando se desloca do extremo sudoeste em direção ao noroeste do estado, ressaltando o manejo realizado pelos animais, de forma a engendrar paisagens diversas daquelas primevas. Segundo o autor:

¹⁹No que se refere à introdução e dispersão de espécies da fauna e flora exóticas às paisagens neotropicais, durante os processos de conquista e de colonização do *Mundus Novus*, ver Eduardo Rapoport (1992) e Alfred Crosby (1993). Este último faz considerações sobre a introdução do gado na porção austral americana.

²⁰Carlos Reverbel cita Aurélio Porto: “A história do gado crioulo é, em síntese, a história da civilização jesuítica, origem precipua das correntes de povoamento portuguesas e espanholas que se entrecrocaram no território uruguaio, cenário admirável em que se formam dois povos quase semelhantes por usos e costumes, mas separados por antagonismos iniciais de sua própria economia, pela língua de matizes diferentes, que mais tarde quase se confunde nos fogões rurais, por modismos verbais comuns, oriundos da mesma atividade e do mesmo *habitat* de que eles surgem” (Reverbel, 1986:18-19).

Não mencionar a influência do gado sobre a paisagem seria omitir um elemento essencial. É em primeiro lugar o gado vacum, pastando em centenas e centenas de cabeças sobre a planura: cabeças dirigidas no mesmo sentido, pés e pernas até os joelhos afundados na grama, as pintas brancas e pretas brilhando ao sol, a tropa avança lentamente, guardando sempre o conexo; vista de longe, desenha uma mancha viva e multicolor sobre o campo, eriçada de pontas (...) evoca a ilusão de uma natureza primigênia, ainda intacta da mão destruidora do homem (...) É, em segundo lugar, o gado lanígero, tosando a grama baixa dos cercados. A lã cinzenta se confunde com a cor do campo; os rebanhos pastam dispersos em pequenos grupos; os cordeiros, já quase adultos, ainda correm atrás da mãe (...) Se acrescentarmos a essa paisagem de céu azul nuvens brancas, planícies paleáceas, horizontes abertos, rebanhos sem conta, as raras fazendas escondidas à sombra de cinamomos e casuarinas, teremos uma imagem tal ou qual completa do que é a campanha: um sentimento de solidão, um sentimento de liberdade, um sentimento de espaço ilimitado para todos os lados se engendra na alma de quem nasce e vive nestas paragens. Vai nisso uma boa parte da história do extremo sudoeste (Rambo, 1994:145-146).

Hemetério da Silveira foi um memorialista e estudioso dos temas missioneiros que lançou o olhar sobre a região com o intuito de registrar aspectos culturais das paisagens que observou, de forma a relatá-las a um leitor interessado pelos acontecimentos que tomaram corpo nas antigas Missões. Nas proximidades de Cruz Alta, Hemetério da Silveira – no final do século XIX - experiencia as paisagens missioneiras

depois de encetar-se a troteada, ouvindo-se o chillar de vários pássaros, o silvo saudoso das perdizes ou dos pardais, tendo diante dos olhos o sublime espetáculo da natureza iluminada pelos raios rubros do sol nascente, os verdes campos, onde pastam grupos de animais vacuns e cavalares, bandos de avestruzes e os veados do campo, um capão de matos com vasta folhagem, às vezes florescida e aromatizada, lá, de vez em quando uma casa de vivenda com seu arvoredado, vendo-se tudo isso, experimenta-se uma satisfação íntima, indescritível. Quase se não sente saudade do lar. Todas as preocupações, todos os cuidados são esquecidos. E foi o que nos sucedeu (Silveira, 1979:154-155).

Imagens poéticas e sensíveis são reveladas pelo arrebatamento do viajante frente às paisagens rio-grandenses. O inefável da “experiência epifânica” (Martins, 2001:128) e extática transcende, desta forma, a própria possibilidade de narrar o acontecimento em sua plenitude. A singularidade emocional da experiência enquanto algo privado extravasa em excessos de sentidos, ou ainda, uma parcela do sentido torna-se pública no

relato, ficando assim ao alcance do leitor, enquanto uma porção escapa aos limites da própria descrição, tornando-se uma forma sensível relativa ao sentimento em relação ao lugar. O “espírito da paisagem” absorve o viajante enternecendo o seu olhar, distanciando-o da urbanidade pelo arrebatamento de um cenário singelo, porque romântico.

Avé-Lallemant também se regozija com o bucolismo das paisagens e a hospitalidade missioneiras, pois seu guia nativo após uma

breve caminhada... mostrou-me a vereda numa ravina, floresta a dentro, e prosseguiu seu caminho. Mal penetramos na mata, saímos no descampado. Um campo magnífico estendia-se sobre as colinas e dentro de espesso laranjal surgia uma linda casa de residência. Diante de mim uma fazenda bem conservada, rodeada de muito campos divididos e de cercas, nos quais aqui e ali pastavam reses – quadro típico de uma estância rio-grandense (Avé-Lallemant, 1980:208).

Se o cenário possui algo de selvático, também há prenúncios de transformações, pois de acordo com este viajante:

O canto do galo, ao contrário, não é a trombeta da civilização que se aproxima? Apenas se abre uma clareira, apenas se edifica uma cabana, lá está o galo doméstico, dentro das brenhas, soltando a plenos pulmões o seu canto apostolar. O ladrido do cão não é nada; o cão pode ladrar perseguindo uma anta, acompanhando o tropeiro nas picadas solitárias da serra. Mas o galo, quando canta, é sobre a cerca do colono, e ali findam o ermo e a inóspita floresta virgem. Que idéia profunda pôr um galo no alto do campanário para advertência de um Pedro, quando ele negou o seu Senhor! (Avé-Lallemant, 1980:173)

Arsène Isabelle, que segundo Dante Laytano, veio à América Meridional “pelo gosto de viajar” descreve a paisagem de Boqueirão do Santiago na zona missioneira, como

“três ou quatro chácaras e estâncias, à entrada de um vale arborizado, onde corria um límpido riacho; os animais pastando numa planície ondulada formavam uma pequena paisagem animada. Culturas de milho, fumo, mandioca, feijão preto e outros legumes. Muitos papagaios de papo e barriga arroxados; outra bela espécie com a cabeça de verde delicado, asas e pernas de vermelho vivo, andando em bandos (Isabelle, 1983:24).

Isabelle descreve um quadro onde a cultura e a natureza, aparecem integradas: a primeira não está destacada da segunda, uma vez que a transforma e a cultiva - uma

“natureza culturalmente construída”, nos termos de Ingold (2003) -, sem com isso deixar de ser afetada por ela – “a natureza realmente natural”. Portanto, a interação entre ambas configura uma paisagem em devir que só pode ser entendida como expressão da agência humana atribuindo sentidos ao mundo, sendo assim, como um fenômeno de cultura.

Os viajantes estrangeiros que cruzaram a região missioneira do Estado ao longo do século XIX, revelam através de suas narrativas panoramas cênicos que resguardam características selváticas: os capões de mata nativa em meio aos campos; as grandes extensões de florestas pluviais subtropicais; a abundância da fauna e da flora exuberantes; a quantidade significativa de cursos hídricos e a magnitude dos mesmos, bem como as singularidades geológicas das áreas visitadas. Por outro lado, ao delinearem com seus relatos as fisionomias das paisagens do noroeste do Estado, apontam para as transformações ocorridas a partir das ações humanas sobre os ambientes que compõem aquela região do Rio Grande do Sul. O fenômeno ocorre dentro de um processo civilizatório - no qual os próprios viajantes são agentes - que tende a engendrar um paulatino disciplinamento à dinâmica das paisagens presentes na região – o aparecimento das cercas de arame farpado, por exemplo, no século XIX - relacionado ao expansionismo colonial do Oitocentos naquela zona fronteira e em outras partes do país, vinculado à pecuária e ao tropeirismo.

Portanto, se no contemporâneo as paisagens missioneiras apresentam poucos capões de mata nativa em meio aos campos que escasseiam; se as florestas pluviais subtropicais desaparecem aceleradamente; se a fauna e a flora regionais não figuram como outrora a sua exuberância nas paisagens; se a significativa presença de recursos hídricos paulatinamente se mostra assoreada e poluída pela ação dos agrotóxicos e outros produtos; e, finalmente, se as riquezas geológicas são exploradas de maneira pouco cuidadosa, talvez fosse interessante e prudente reler com atenção os relatos dos viajantes do passado e atentar para a poética dos olhares que lançavam às paisagens missioneiras, pois, quem sabe, não extrairíamos daí formas mais conseqüentes para repensarmos o lugar do humano nessas mesmas paisagens.

Referências

AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1980.

- AZARA, F. *Viajes por la América Meridional*. Buenos Aires: El Elefante Blanco, Tomos I e II, 1998.
- BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BAGUET, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: PARAULA, 1997.
- BESCHOREN, M. *Impressões de Viagem na Província do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.
- BOAVENTURA LEITE, I. *Antropologia da Viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no Século XIX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- BONPLAND, A. *Journal Voyage de SN. Borja a la Cierra y a Porto Alegre*. Porto Alegre, Instituto de Biociências, Departamento de Botânica, UFRGS; Paris, Centre National de la Recherche Scientifique. Transcrição e notas Alícia Lourteig, 1978.
- BRUXEL, A. *Os Trinta Povos Guaranis*. Porto Alegre: EST/Nova Dimensão, 1987.
- CALVEZ, M. Brocéliande et ses paysages légendaires. *Ethnologie Française*, CNRS/Réunion de Musées Nationaux, v.19, nº 3, 1989, ps. 215-226.
- CERTEAU, M. de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. V. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CLIFFORD, J. Culturas Viajantes. In: ARANTES, A. A. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.
- CROSBY, A. W. *Imperialismo Ecológico. A expansão biológica da Europa: 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CRUZ, B. A. M. P. da. *Santo Ângelo: um município em construção - das Missões até 1930*. Santo Ângelo: Gráfica Santo Ângelo, 1986.
- CRUZ, V. *História e memórias de Bossoroca. Retrato de uma Época*. Bossoroca, 1993.
- DARWIN, C. *O Beagle na América do Sul*. São Paulo: Paz & Terra, 1996.
- DEBRET, J. B. *Viagem Pitoresca ao Brasil*. São Paulo: Martins Ed./Edusp, TOMO I, 1972.
- DEBRET, J. B. *Viagem Pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Volumes I e II. Círculo do Livro, 1982.
- DIENER, P. e COSTA, M. de F. *A América de Rugendas. Obras e Documentos*. São Paulo: Estação Liberdade/Kosmos, 1999.
- DREYS, N. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Porto Alegre: Sec. de Educação e Cultura/Instituto Estadual do Livro/Ed. Globo, 1961.
- DURAND, G. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.
- ECKERT, C. Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. Porto Alegre: *Humanas*, v. 19/20, n. 1/2, p.21-44, 1996-1997.
- FIALHO, I. J. B. *Pioneiros de Bossoroca*. Bossoroca: Ed. Unijuí, 1992.
- FREYRE, G. *Problemas Brasileiros de Antropologia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio/MEC, 1973.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HÖRMEYER, J. *O Rio Grande do Sul de 1850: descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil meridional*. Porto Alegre: D. C. Luzzatto Ed. EDUNI-SUL, 1986.
- INGOLD, T. *The perception of the environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2003.
- ISABELLE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1833 - 1834*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.
- LAYTANO, D. Prefácio. In: DREYS, N. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Porto Alegre: Sec. de Educação e Cultura/Instituto Estadual do Livro/Ed. Globo, 1961.
- LEITE. M. L. M. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

- LEITE, M. L. M. O olhar do Outro. *Ciência & Ambiente*. Santa Maria: UFSM/FATEC, v. 19, 1999, ps. 47-52.
- LEROI-GOURHAN, A. *O Gesto e a Palavra - Técnica e Linguagem*. Lisboa: V. 1, Perspectiva do Homem/Edições 70, v. 16, s.d.
- LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra*. Vol.2 - Memória e Ritmos. Lisboa: Edições 70, s.d.
- LEZAMA LIMA, J. *A expressão americana*. São Paulo: Brasiliense 1988.
- LINDMAN, C. A. M. *A Vegetação no Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974.
- LISBOA, K. M. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817 – 1820)*. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1997.
- LOURTEIG, A. AIMÉ BONPLAND sus manuscritos y su personalidad. *Ciência e Ambiente*. Santa Maria: Ed. da UFSM, v.1, n.1. 1990, p. 15 - 26.
- LUCCOCK, J. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: v. 21, EdUSP/Itatiaia, 1975.
- MARTINS, L. de L. *O Rio de Janeiro dos Viajantes. O olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- OLIVEIRA FILHO, J. P. de. Elementos para uma Sociologia dos Viajantes in OLIVEIRA FILHO, J. de. (org.). *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero, 1987.
- ORTIZ. F. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. La Habana: Editorial de Ciências Sociales, 1991.
- PORTO, A. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Partes I e II, Porto Alegre: Selbach, 1954.
- PRADO, J. F. de A. *Jean-Baptiste Debret*. São Paulo: Editora Nacional/Edusp, 1973.
- PRATT, M. L.. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- QUEVEDO, J. R. *Rio Grande do Sul: Aspectos das Missões (em tempo de Despotismo Esclarecido)*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.
- RAMBO, B. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.
- RAPPOPORT, E. H. Descubrimiento de América: el punto de vista ecológico y biogeográfico. *Ciência & Ambiente*. Santa Maria: UFSM; Ijuí:UNIJUÍ, III(5), 1992, p.41-63.
- REICHEL, H. J. Relatos de viagens como fonte histórica para o estudo de conflitos étnicos na região platina (séc. XIX). In: VÉSCIO, L. E. e SANTOS, P. B. *Literatura & História. Perspectivas e Convergências*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 55-77.
- REVERBEL, C. *O gaúcho. Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- ROCHA, A. L. C. da. *Le Santuaire de désodre: l'art de savoir vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques*. Paris V, Sorbonne, 1994.
- ROCHA, P. *A História de Cruz Alta*. Cruz Alta: Tipografia Liderança, 1964.
- RODRIGUES, M. S. *Relatório Caminho das Tropas: Importância do tropeirismo na configuração urbano-espacial de Cruz Alta*. Porto Alegre: IPHAE/RS, 1994.
- ROSA, I. V. do P. *CRUZ ALTA. Histórias que fazem a história da cidade do Divino Espírito Santo de Cruz Alta*. Rio de Janeiro: Tipo Editor, 1981.
- SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- SAHLINS, M.. Cosmologias do Capitalismo: o Setor Trans-Pacífico do "Sistema Mundial". Rio de Janeiro: *Religião e Sociedade*. v.16, n. 1-2, p. 47-106, 1992.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820 -1821*. Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1974.

- SANSOT, P. *Variations paysagères*. Paris: Klincksieck, 1983.
- SANTA HELENA, H. Auguste de Saint-Hilaire no Rio Grande do Sul: humanista, cientista e repórter. In: *Natureza em Revista*. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, nº 6, 1979, p.4-8;
- SILVEIRA, F. L. A. da. *As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens. Estudo da memória coletiva dos contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- SILVEIRA, H. J. V. da. *As missões orientais e seus antigos domínios*. Porto Alegre: ERUS, 1979.
- SOARES, U. R. e DAL MOLIN, N. *O Tropeirismo no Planalto Médio Gaúcho*. Ijuí, 1996.
- SÜSSEKIND, F. *O Brasil não é longe daqui, O narrador; a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TODOROV, T. *A Conquista da América. A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VELLINHO, M. *Fronteira*. Porto Alegre: Globo/UFRGS, 1975.
- VÉSCIO, L. E. e SANTOS, P. B. (orgs.) *Literatura & História. Perspectivas e Convergências*. Bauru: EDUSC, 1999.
- WAECHTER, J. L. Impressões de Avé-Lallemant sobre a Província do Rio Grande do Sul. *Ciência e Ambiente*. Santa Maria: Ed. da UFSM, v. 1, n.1, p. 99-194.